Para o meu pai,
cuja voz ainda me guia

(Pro captu lectoris) habent sua fata libelli.

(Conforme as capacidades do leitor)
os livros têm os seus próprios destinos.

Walter Benjamin, *Ao Desencaixotar a Minha Biblioteca*

NO INÍCIO

Um livro tem de começar nalgum lado. Uma letra corajosa tem de se voluntariar para ser a primeira, correndo o risco num ato de fé, no qual uma palavra bebe coragem e segue, trazendo uma frase no seu rasto. Daí, junta-se um parágrafo, e em breve uma página, e o livro começou, encontrando uma voz, criando-se a si próprio.

Um livro tem de começar nalgum lado, e este começa aqui.

UM RAPAZ

Chiu... Ouçam!
É o meu livro, e fala convosco. Conseguem ouvi-lo?

Não há problema se não conseguirem, porém. Não é culpa vossa. As coisas estão sempre a falar, mas, se os vossos ouvidos não estiverem sintonizados, têm de aprender a ouvir.

Podem começar por usar os olhos, porque os olhos são fáceis. Olhem para todas as coisas em vosso redor. O que veem? Um livro, obviamente, e obviamente o livro está a falar convosco, por isso experimentem qualquer coisa mais desafiante. A cadeira onde estão sentados. O lápis no vosso bolso. O ténis no vosso pé. Ainda não conseguem ouvir? Então, ajoelhem-se e encostem o ouvido ao assento, ou tirem o sapato e encostem-no ao ouvido — não, esperem, se houver gente à volta vão pensar que estão malucos, por isso tentem o lápis primeiro. Os lápis têm histórias lá dentro, e são seguros desde que não enfiem a ponta aguçada no ouvido. Encostem-no apenas e escutem. Conseguem ouvir a madeira sussurrar? O fantasma do pinheiro? O murmúrio do chumbo?

Por vezes é mais do que uma voz. Por vezes é um coro completo que se levanta de uma coisa só, especialmente se for uma coisa Feita, com muitos fazedores diferentes, mas não se assustem. Creio que depende do tipo de dia que eles estavam a ter lá em Guandong ou no Laos ou onde calhar, e, se foi um dia bom na fábrica que os explora, se desfrutavam de um pensamento agradável no momento

em que aquela ilhó veio linha abaixo e lhes passou pelos dedos, então esse pensamento agradável vai agarrar-se ao furo. Por vezes é mais um sentimento do que um pensamento. Um pensamento caloroso e bom, como o amor, por exemplo. Soalheiro e amarelo. Mas, quando é um sentimento triste ou zangado que se entrelaça no vosso sapato, então cuidado, porque o sapato pode fazer merdas malucas, como marchar os vossos pés mesmo até à entrada da loja da *Nike*, onde podem acabar por esmagar a montra com um taco de *basebol* feito de madeira enfurecida. Se isso acontecer, mesmo assim não é culpa vossa. Peçam desculpa à montra, digam ao vidro que lamentam e, façam o que fizerem, não tentem explicar. O polícia não se interessa pelas condições ranhosas na fábrica de tacos. Não se vai ralar com as serras elétricas, ou com a madeira resistente do freixo que o taco costumava ser, por isso fiquem de boca calada. Permaneçam calmos. Sejam educados. Lembrem-se de respirar.

É realmente importante que não se enervem, porque depois as vozes tomam o controlo e dominam a vossa mente. As coisas são carentes. Ocupam espaço. Querem atenção, e levam-vos à loucura se as deixarem. Por isso, lembrem-se, são como os controladores de tráfego aéreo – não, esperem, são como o líder de uma grande banda de metais feita de todas as coisas de *jazz* do planeta, e flutuam no espaço, de pé neste grande monte de lixo que é o mundo, com o cabelo penteado para trás e o vosso fato fino e a vossa batuta no ar, rodeados de todas as coisas ansiosas, e por um momento rápido e belo, todas as suas vozes se silenciam à espera de que vocês façam descer a batuta.

Música ou loucura. Depende inteiramente de vocês.

PARTE UM

LAR

Todas as paixões são quase caóticas,
mas a paixão do colecionador
fica à beira do caos das memórias.

Walter Benjamin, *Ao Desencaixotar a Minha Biblioteca*

O LIVRO

1

Portanto, começa com as vozes.

Quando é que ele as ouviu pela primeira vez? Quando ainda era pequeno? Benny foi sempre um rapaz pequeno, que se desenvolveu devagar, como se as suas células tivessem relutância em multiplicar-se e ocupar espaço no mundo. Parece que parou quase totalmente de crescer quando chegou aos doze, o mesmo ano em que o seu pai morreu e a sua mãe começou a engordar. A mudança foi subtil, mas Benny pareceu encolher conforme Annabelle crescia, como se metabolizasse a dor do seu filho a par da sua.

Sim. Parece certo.

Por isso, talvez as vozes também tenham começado por essa altura, depois de Kenny morrer? Foi um acidente de automóvel que o matou — não, foi um camião. Kenny Oh era um clarinetista de *jazz*, mas o seu nome real era Kenji, portanto é isso que vamos chamar-lhe. Tocava sobretudo *swing*, coisas para *big band*, em casamentos e *bar mitzvahs* e em clubes de teatro *hipster* na Baixa, onde todos os tipos usavam barba e chapéus de aba e camisas de xadrez e casacos de *tweed* roídos pelas traças, comprados no Exército de Salvação. Tinha tocado num espetáculo, e depois tinha ido beber ou drogar-se ou o que quer que costumasse fazer com os seus amigos músicos — só um toquezinho, mas o suficiente para, de regresso a casa, não ver a necessidade de se levantar

logo, quando tropeçou e caiu num beco. Não estava longe de casa, só a uns metros do portão desconjuntado que levava às traseiras da sua casa. Se tivesse conseguido arrastar-se um pouco mais, teria ficado bem, mas em vez disso ficou ali, deitado de costas, num círculo de luz fraca lançado pelo candeeiro por cima do contentor de lixo da Loja de Segunda Mão da Missão Gospel. O longo frio do inverno começara a levantar, e uma bruma de primavera pairava no beco. Ele estava ali deitado, contemplando a luz e as partículas minúsculas de humidade brilhante que enxameavam no ar. Estava bêbedo. Ou pedrado. Ou ambos. A luz era bela. Mais cedo, nessa noite, tinha discutido com a mulher. Talvez estivesse arrependido. Talvez, na sua cabeça, estivesse a prometer ser melhor. Quem sabe o que fazia? Talvez tenha adormecido. Vamos ter essa esperança. De qualquer modo, era onde estava deitado uma hora mais tarde, quando o camião das entregas roncou rua abaixo.

A culpa não foi do condutor do camião. A ruela estava cheia de sulcos e buracos. Estava repleta de sacos do lixo meio vazios, restos de comida, montes de roupa ensopada e eletrodomésticos avariados que os vasculhadores do lixo tinham deixado para trás. Na luz monótona e cinzenta desse amanhecer de chuva miudinha, o condutor não conseguiu distinguir entre os destroços e o corpo magro do músico, que, nessa altura, já estava coberto de corvos. Os corvos eram amigos de Kenji. Estavam a tentar ajudar, mantendo-o seco e quente, mas todos sabem que os corvos adoram lixo. É de surpreender que o condutor tenha confundido o corpo de Kenji com um saco do lixo? O condutor odiava corvos. Os corvos davam azar, e por isso fez pontaria mesmo na sua direção. O camião levava caixotes de galinhas vivas para o matadouro chinês ao fundo do beco. Pisou o acelerador e sentiu o ressalto do corpo debaixo das rodas, enquanto os corvos levantavam voo em frente ao seu para-brisas, tapando-lhe a visão e fazendo-o perder controlo e derrapar contra a zona de descargas da Companhia de Impressão Felicidade Eterna. O camião virou e os caixotes de galinhas voaram.

O ruído do cacarejar das aves acordou Benny, cuja janela do quarto dava para o contentor do lixo. Ele ficou deitado, a ouvir, e então a porta de trás bateu. Um grito alto, agudo, ergueu-se do beco, desenrolando-se como uma corda, como um tentáculo vivo, serpenteando até à sua janela e envolvendo-o, tirando-o da cama. Foi à janela, afastou as cortinas, espreitou para a rua. O céu clareava. Conseguia ver o camião caído de lado, as rodas a girar, e o ar estava repleto de asas a bater e penas a esvoaçar, embora, tendo sido criadas em gaiolas, estas galinhas não soubessem de facto voar. Nem sequer pareciam mesmo aves. Eram apenas umas coisinhas parecidas com Tribbles, rastejando para as sombras. O grito agudo esticou como um arame, atraindo o olhar de Benny para uma figura espectral, envolta numa nuvem de branco diáfano, a origem do grito, a origem do seu mundo: a sua mãe, Annabelle.

Estava de pé em camisa de dormir, sozinha no círculo de luz lançado pelo candeeiro de rua. Por todo o lado em seu redor havia movimento, penas caindo como neve, mas ela estava perfeitamente imóvel, como uma princesa gelada, pensou Benny. Olhava para baixo, para alguma coisa no chão, e num repente ele soube que essa coisa era o seu pai. De onde observava, lá de cima da sua janela, não conseguia ver o rosto do pai, mas reconhecia as suas pernas, que estavam dobradas e sacudiam, tal qual como quando Kenji dançava, só que agora estava deitado de lado. A mãe deu um passo em frente.

— *Nãããão!* — gritou, e caiu de joelhos. O seu espesso cabelo dourado dividiu-se ombros abaixo, capturando a luz do candeeiro e formando uma cortina em torno da cabeça do marido. Ela debruçou-se, murmurando enquanto tentava levantá-lo. — *Não, Kenji, não, não, por favor, desculpa, não era o que queria dizer…*

Ele ouviu-a? Se tivesse aberto os olhos nesse instante, teria visto o rosto encantador da sua mulher sobre ele, como uma lua pálida. Talvez o tenha feito. Teria visto os corvos, pousados nos telhados e baloiçando-se nos cabos elétricos, observando. E talvez, olhando sobre o ombro da mulher e para além disso, tivesse visto o filho,

observando também da sua janela distante. Vamos dizer que o fez, porque a dança das suas pernas abrandou, deixou de pontapear e aquietou-se. Se, nesse momento, Annabelle era a lua de Kenji, então Benny era a sua estrela distante, e vendo-o ali, brilhando no céu pálido do amanhecer, fez um esforço para mover o braço, levantar a mão, mexer os dedos.

Como se acenasse para mim, pensou Benny mais tarde. Como se acenasse um adeus.

KENJI MORREU a caminho do hospital e o funeral foi na semana seguinte. Cabia a Annabelle fazer os preparativos, mas ela não era muito boa a planear esse tipo de coisas. Kenji era o extrovertido e, como casal, nunca tinham organizado convívios ou recebido convidados em casa. Ela tinha poucos amigos, ou nenhum. O agente funerário fez-lhe muitas perguntas sobre a família e religião do seu ente querido, a que ela teve dificuldade em responder. Kenji não tinha família, que ela soubesse. Nascera em Hiroxima, mas os pais tinham morrido quando ele era novo. A irmã, que era ainda bebé na altura, fora viver com os tios, enquanto Kenji fora criado pelos avós em Kyoto. Ele raramente falava sobre a infância, exceto para referir que os avós eram muito tradicionais e rígidos e que não se dava bem com eles, mas claro que agora também já estavam mortos. Era provável que a irmã ainda estivesse viva, mas perdera o contacto com ela. No início do casamento, quando Annabelle perguntava, limitava-se a sorrir e a fazer-lhe uma festa no rosto e dizia que ela era toda a família de que precisava.

Quanto à religião, sabia que os seus avós tinha sido budistas, e certa vez ele contara-lhe sobre uma época na universidade em que vivera num mosteiro *zen*. Ela lembrava-se de como ele se rira. *Tão engraçado, não é? Eu, um monge!* E ela também se rira, porque ele não parecia nada um monge. Ele disse que não precisava de religião, porque tinha o *jazz*. A única coisa religiosa que tinha era um rosário, que por vezes levava enrolado no pulso. Era bonito, mas ela

nunca o vira usá-lo para orar. Tendo em conta as suas raízes budistas, pareceu-lhe errado ter um padre cristão a presidir ao funeral, por isso, em resposta às perguntas do agente, Annabelle disse que não, não havia família, nem religião, e por isso não haveria serviço. O agente pareceu desapontado.

— E do seu lado? — perguntou, solícito. E, tendo ela hesitado, acrescentou: — Nestas alturas, é bom ter a família...

Um lampejo de memória, como um fantasma. Pensou no corpo mirrado da mãe na cama de hospital. Na sombra escura do padrasto, agigantando-se à sua porta. Sacudiu a cabeça.

— Não — disse, com firmeza, cortando-lhe a fala. — Eu disse que não havia família.

Ele não percebia? Que ela e Kenji estavam sozinhos no mundo, que era isso que os unia até aparecer Benny? O agente funerário deitou um olhar ao relógio e prosseguiu. Perguntou-lhe o que achava de uma visita. Ela hesitou mais uma vez e por isso ele explicou. Visitar os restos mortais do ente querido, cuidadosamente restaurados, podia reduzir o trauma que testemunhar um acidente trágico frequentemente causava. Suavizaria as suas memórias dolorosas e ajudaria os que tinham ficado a aceitar a realidade da morte física. A sala do velório era íntima e decorada com discrição. A casa funerária providenciaria, com todo o gosto, refrescos para os visitantes, uma vasta seleção de chás, café com uma variedade de natas com sabores deliciosos, e uns bolinhos também, talvez?

Natas? pensou ela, tentando não sorrir. A sério? Queria lembrar-se daquilo para contar a Kenji mais tarde — era exatamente o tipo de absurdo que o faria rir —, mas o agente estava à espera, por isso ela concordou prontamente que sim, bolinhos seriam agradáveis. Ele tomou nota e depois perguntou-lhe quais os seus desejos sobre as disposições finais dos restos mortais do seu ente querido. Ela sentou-se na beira do sofá demasiado fofo, ouviu-se a si própria a responder que sim à cremação e não a uma campa ou a uma prateleira num jazigo, quando de súbito um pensamento surgiu: que o ente querido cujos restos mortais discutiam era Kenji,

e que os restos mortais eram os restos mortais do *corpo de Kenji*, o mesmo corpo amado que ela conhecia tão bem e que, quando fechava os olhos, conseguia ver tão claramente, os músculos fortes dos ombros, a pele morena e suave, a curva das costas nuas.

Pediu licença e perguntou se podia usar a casa de banho. Certa-mente, disse o agente, e conduziu-a pelo corredor atapetado. Ela fechou a porta atrás de si. Lá dentro, purificadores com aromas em todas as tomadas perfumavam o ar. Caiu de joelhos em frente da sanita e vomitou para dentro da água higienizada azul brilhante.

AGORA, O CORPO DE KENJI repousava num caixão aberto, numa divisão tipo sala de estar na funerária. Quando Benny e Annabelle chegaram para a visita, o agente funerário conduziu-os para dentro e recuou discretamente, para lhes dar um momento. Annabelle respirou fundo. Segurando o cotovelo do filho, começou a mover-se em direção ao caixão. Benny nunca caminhara assim, com a mãe a agarrar-se ao seu braço como se fosse ele a controlar a situação. Sentia-se como um corrimão ou balaustrada. Rigidamente, apoiou-a, guiando-a para diante, e então estavam ambos lado a lado à beirinha do caixão.

Kenji era um homem pequeno, mais pequeno depois de morto. Estava vestido com um *blazer* de linho azul — claro que Annabelle o escolhera para ele, o que ele usava com *jeans* pretos quando tocava em casamentos de verão, sem o chapéu de abas. O clarinete estava atravessado sobre o peito. Annabelle soltou o ar, num longo suspiro, baixinho e trémulo.

— Ele parece bem — sussurrou. — Como se estivesse só a dormir. E o caixão também é bonito. — Quando Benny não respondeu, sacudiu-lhe o braço. — Não achas?

— Acho que sim — disse Benny. Estudou o corpo, deitado no caixão fino. Os olhos estavam fechados, mas o rosto não parecia suficientemente vivo para estar a dormir. Nem sequer parecia

suficientemente vivo para estar morto. Não parecia algo que um dia tivesse tido vida. Alguém usara maquiagem para cobrir as contusões, mas o pai nunca usava maquiagem. Alguém penteara o seu longo cabelo negro e dispusera-o à vontade na almofada de cetim. Kenji só usava o cabelo solto, pelos ombros abaixo, quando estava em casa, a relaxar. Em público, estava sempre atado atrás, num rabo de cavalo preto e grosso. Todos estes detalhes provavam a Benny que quem estava no caixão não era o pai.

— Também vais queimar o clarinete?

Sentaram-se de um lado da sala em duras cadeiras desdobráveis e esperaram. As pessoas começaram a chegar. A velhíssima senhoria chinesa, a Sra. Wong. Duas das colegas de Annabelle. Os companheiros de banda de Kenji e os seus amigos dos clubes. Os músicos ficaram de pé junto à porta, como se quisessem ir-se embora, mas o agente funerário incentivou-os a avançar. Nervosamente, avançaram até ao caixão. Alguns deixaram-se ficar a olhar. Outros falaram com o cadáver, contaram uma piada — *A sério, meu, um camião de galinhas?* — que Annabelle fingiu não ouvir, e depois, vendo a mesa com bebida e comida, dirigiram-se a ela rapidamente, parando para lhe dizer algumas palavras desajeitadas e dar a Benny um abraço apressado e uma palmadinha na cabeça. Benny tinha doze anos e detestou as palmadinhas, mas detestou mais os abraços. Alguns dos membros da banda deram-lhe socos nos ombros. Os socos não o incomodaram.

Talvez fosse o clarinete no caixão a inspirar a ideia, mas, conforme mais gente ia chegando, mais instrumentos começaram a surgir, e então dois membros da banda sentaram-se num canto da sala e começaram a tocar. Um *jazz* suave, nada de exuberante. Mais convidados chegaram. Quando apareceu uma garrafa de *whiskey* na mesa da comida, ao lado das natas, o agente funerário pareceu querer objetar, mas o trompetista chamou-o à parte e falou com ele. Ele retrocedeu, e a banda continuou a tocar.

Kenji conhecia pessoas que sabiam fazer uma festa e, por isso, quando chegou a altura de transportar o corpo do amigo para

o crematório, os músicos cancelaram o carro funerário e tomaram conta do assunto. Annabelle deixou-os. O caixão era pesado, mas Kenji pouco acrescentava ao seu peso, portanto conseguiram levantá-lo, levando-o aos ombros à vez, ao estilo de Nova Orleães, pelas vielas estreitas e pelas ruas escuras, escorregadias da chuva. Annabelle e Benny seguiram-nos. Alguém os empurrou para a frente da procissão, mesmo atrás do caixão, e estendeu a Benny um chapéu de chuva, que ele ergueu sobre cabeça da mãe, orgulhosamente, como uma bandeira ou flâmula de coragem, até o braço ficar rígido e lhe parecer que se quebraria.

Era primavera e a chuva derrubara das árvores as flores das ameixas, e as pétalas rosa-pálido colavam-se ao pavimento. Lá em cima, gaivotas volteavam e gritavam, pairando nas correntes de ar, cada vez mais alto. Do seu ponto de vista, o chapéu de chuva vermelho devia parecer o olho de uma serpente, fazendo o seu lento caminho pela cidade encharcada. Os corvos permaneceram mais abaixo, acompanhando a procissão de mais perto, voando de ramo para ramo pelas árvores, pousando nos candeeiros de rua e nos cabos elétricos. Por essa altura, a banda assumira quase o seu tamanho total e, conforme os que faziam o luto avançavam através da chuva oleosa, os músicos tocavam lamentações e bebiam de garrafas em sacos de papel castanho, que passavam uns aos outros, enquanto as prostitutas e os drogados gravitavam no seu rasto como lixo soprado pelo vento.

Não houve espaço para todos no crematório, mas a chuva parara, por isso os músicos ficaram lá fora e continuaram a tocar. Annabelle e Benny seguiram o caixão até à entrada, mas, quando a porta abriu, Benny recuou. Ouvira falar do forno. Mesmo que aquela coisa no caixão não fosse o pai, não queria vê-la ser atirada ao fogo e arder como um tronco ou assar como um pedaço de carne, por isso insistiu em ficar lá fora com o trompetista, que disse que estava bem. Annabelle pareceu perturbada e então tomou uma decisão. Segurou o rosto redondo e suave do filho entre as palmas, beijou-o rapidamente e voltou-se para o trompetista.

— Não o percas de vista — disse, e desapareceu dentro do crematório.

A banda avançou dos lamentos para um conjunto de Benny Goodman. Goodman era o favorito de Kenji. Tocaram *Body and Soul* e *Life Goes to a Party*. Tocaram *I'm a Ding Dong Daddy* e *China Boy* e *The Man I Love* e durante todo esse tempo o coração de Benny batia loucamente, enquanto pensava sobre as chamas no forno. Quando chegou o momento do solo de clarinete em *Sometimes I'm Happy*, os metais silenciaram-se, permitindo que o baterista marcasse baixinho o tempo com a sua vassourinha, ocupando o espaço onde devia estar o clarinete. Era o tema de Kenji, e quase se podia ouvir o *riff* espectral, erguendo-se na bruma. E talvez Benny o tenha *mesmo* ouvido. Escutava com atenção, e, no instante em que terminou o intervalo e as trompas regressaram, escapou-se. Era magro como o pai, um miúdo fininho como um peixito, esquivando-se pelo meio dos músicos, demasiado pedrados para reparar. Ele vira onde fora a mãe. Quando a porta pesada se fechou atrás dele, ainda ouvia a música lá fora, mas procurava outro som.

— *Benny…?*

A voz erguia-se de algum lugar nas profundezas do edifício, e ele seguiu-a. Ao avançar pelo corredor sombrio, o ruído do sistema de ventilação cresceu. Chegou a uma sala de espera, mobilada com um sofá e cadeiras baixas, estofadas. Havia uma jarra com lírios de plástico numa mesa, ao lado de uma caixa de *Kleenex*. Uma janela larga deixava ver o forno de cremação e, embora Benny não soubesse como se chamava, sabia o que se passava lá dentro, do lado de lá do vidro. Via a mãe. Segurava o clarinete do pai, que parecia estranho e deslocado nas suas mãos, porque ela não sabia tocar. Ao seu lado estava o caixão elegante. Estava vazio. Onde estava o corpo? A sua mãe estava só, com exceção de um assistente. Encontravam-se um de cada lado de uma caixa estreita de cartão, tão indiferenciável que mal reparou nela, até a voz repetir:

— *Benny…?*

— Pai?

Era a voz do pai. Benny mal conseguia ouvi-la sob o estrépito da ventilação, mas sabia que vinha da caixa de cartão. Ergueu-se nas pontas dos pés, tentou espreitar lá para dentro.

— *Oh, Benny…*

O pai soava tão triste, como se quisesse dizer alguma coisa mas fosse demasiado tarde, e nesse exato momento, de facto, Annabelle anuiu e voltou as costas, e o assistente avançou e colocou a tampa na caixa. Benny colou as palmas à janela.

— Mãe! — chamou, batendo no vidro. — *Mãe!*

A caixa começou a mexer-se sozinha.

— Não! — gritou Benny, mas o vidro era grosso, e a ventilação ruidosa, e a caixa ia a caminho, deslizando por uma curta rampa em direção à boca do forno, que se abriu para a receber. Ele viu a garganta ardente e a língua de chamas, ouviu o rugido basso do fogo e a sucção do ar, misturados com a elegia de um trombone solitário na rua. *Don't Be That Way*. Tocavam *Don't Be That Way*.

Benny bateu no vidro com os punhos.

— *Não!* — gritou. — *Não!*

Annabelle olhou para cima nesse momento. Apertava nas mãos o clarinete de Kenji, e o seu rosto estava branco como cinza, e corriam lágrimas por ele abaixo. Viu o filho do outro lado do vidro e estendeu as mãos para ele, e ele conseguia ver os lábios formarem o seu nome.

— *Benny…!*

Atrás dela, a caixa deslizou para dentro do forno e a sua boca fechou-se sobre ela.

ELE ACALMARA quando saíram do crematório. A maior parte da banda arrumara as coisas e fora para casa, e só havia um par de tipos ainda à espera no jardim memorial. O trompetista encostava-se a uma parede, tocando uma versão lúgubre de *Smoke Gets in Your Eyes*, enquanto observavam as ondas de calor erguerem-se da chaminé alta.

Alguém lhes deu boleia e Benny foi direito para a cama, dormindo até de manhã. Quando por fim acordou, Annabelle disse-lhe que não ia à escola e deu-lhe tempo ilimitado ao computador até ao almoço. À tarde, fizeram uma longa e lenta viagem de autocarro até à funerária, para recolher as cinzas de Kenji. Estavam seladas num saco de plástico, dentro de uma caixa de plástico, dentro de um saco das compras comum de papel castanho, que Benny se recusou a carregar no autocarro, embora nenhum dos outros passageiros pudesse saber que tinha lá dentro restos mortais humanos. Enquanto se afastavam da paragem de autocarro, os corvos juntaram-se na viela, pousando no portão e no telhado da casa. Kenji tinha construído um comedouro no alpendre das traseiras, a partir de um velho suporte de televisão em madeira que encontrara no caixote do lixo, e quando Annabelle destrancou a porta de trás reparou que estava vazio e registou mentalmente que devia alimentá-los. Pousou o saco com as cinzas na mesa, tirou um tabuleiro e ligou o forno para pré-aquecer.

— Douradinhos ou *nuggets* de frango?

— Tanto faz.

Ele precisava de alguma coisa para fazer, pensou ela. Precisava de se manter ocupado.

— Querido, dás de comer aos corvos do pai?

Deu-lhe um saco de plástico de bolos da lua velhos que Kenji arranjava na padaria chinesa e pendurava sempre na maçaneta. Tinha de se lembrar de acrescentar «arranjar bolos da lua» à lista de todas os outros afazeres e tarefas pelos quais era agora responsável.

Benny pegou no saco e foi para o alpendre, regressando um instante depois.

— Toma — disse. Tinha nas mãos uma tampa de garrafa, uma concha partida e um botão dourado embaciado. Ela estendeu a mão, e ele deitou lá os objetos.

— Que estranho — disse ela, examinando o botão. — Já tinha ouvido dizer que os corvos deixam presentes. — E de repente percebeu. — Oh! Achas que… — Parou de falar.

— O quê? — disse Benny.

— Nada. — Tirou uma pequena tigela da prateleira e colocou os objetos cuidadosamente lá dentro. — Podes tirar as coisas da mesa, se faz favor?

O saco das compras com as cinzas ainda estava em cima da mesa. Benny olhou para ele. Pareciam compras.

— Vais deixar aquilo ali?

— Pensei que podíamos encontrar um lugar especial para ele depois de jantar. — Ela abriu o congelador e tirou uma caixa de *nuggets* de frango. — Têm disso no Japão, sabes. Põem cinzas em altares budistas em casa.

— Nós não temos um desses.

— Podíamos fazer um. — Rasgou a caixa de *nuggets* e espalhou-os no tabuleiro. — Numa das estantes. Podíamos pôr lá as coisas favoritas do pai, como o clarinete, para ele as ter na outra vida. — Deslizou o tabuleiro para dentro do forno e fechou a porta. — Vai buscar leite para ti e põe a mesa.

— Isso é como quando ele é um *zombie*?

Annabelle riu-se.

— Não, meu querido. O teu pai não é um *zombie*. A outra vida é uma coisa em que os budistas acreditam. É quando o teu espírito renasce e volta à vida noutro corpo.

— Ele vai ser outra pessoa?

— Talvez não seja uma pessoa. Talvez um animal. Talvez um corvo…

— Isso é esquisito — disse ele, aproximando-se da gaveta dos talheres. — De qualquer modo, não somos budistas. Não somos nada.

Puxou a gaveta e abanou-a para a abrir. Annabelle olhou para cima.

— Tu queres ser alguma coisa?

— O que é que isso quer dizer?

— Tu sabes. Ser budista. Ou outra coisa. Ser cristão?

— Não. — Tirou os garfos e a colher especial da gaveta e pô-los na mesa, evitando cuidadosamente as cinzas. Tirou um copo do armário e foi ao frigorífico.

— O teu pai costumava ser budista — disse Annabelle. — Talvez ainda seja.

— Agora?

— Claro. Porque não?

Benny ficou parado em frente do frigorífico, fitando o monte de ímanes de cozinha enquanto pensava nisso. Empurrou alguns ímanes de um lado para o outro. Eram ímanes de poesia, e era esse o objetivo, rearranjá-los e formar linhas com significados diferentes. Annabelle comprara-os na loja de segunda mão para ajudar Kenji com o inglês, e ele costumava fazer um poema para ela sempre que se lembrava, e por vezes Benny também fazia um. Faltavam algumas palavras ao conjunto, mas Annabelle dizia que não importava, porque não eram precisas muitas palavras para fazer um poema.

— Não — disse Benny, por fim. — Ele agora não é nada. Está só morto.

No dia em que morrera, um pouco antes de sair para o clube, Kenji fizera um poema. Ainda ali estava, no enxame de palavras.

— Bom, está bem — disse Annabelle. — Mas nós não sabemos mesmo o que isso significa. Estar morto.

Benny empurrou algumas palavras para uma nova linha.

— Sabemos sim. Significa que não está vivo.

Annabelle estava debruçada sobre o forno aberto, a virar os *nuggets*, mas o caráter neutro e final na voz do filho fê-la voltar-se.

— Oh, Benny, não! — Largou a espátula de metal e a porta do forno fechou-se com força. Correu para o frigorífico e afastou Benny. — Põe isso de volta! Temos de pô-lo de volta! *Mulher* estava aqui, e *sinfonia*, mas também havia um adjetivo. Qual era? Não me lembro! Porque é que não me lembro? Oh, Benny, tu lembras-te?

Voltou-se, suplicando, mas ele recuara. Não tivera a intenção de desmontar o poema do pai. Os ímanes queriam ser movidos, fazer novos poemas, e ele estava apenas a tentar ajudá-los. Abriu a boca para explicar, mas as palavras não saíam. Ficou ali parado, abalado. Apercebendo-se, Annabelle parou e procurou-o.

— Oh, querido — disse. — Desculpa. Vem.

Puxou-o para ela. Ele sentiu o peso dos seus braços em torno dos ombros, e a agitação do seu peito.

— Não queria… — disse ele.

Ela apertou-o mais.

— Eu sei, Benny — disse. — Não te preocupes. Não é culpa tua. Está tudo bem, não chores, vamos ficar bem…

Ele não estava a chorar, mas ela estava. Quando finalmente o largou, usou a bainha da *t-shirt* para limpar a cara e depois jantaram. Mais tarde, nessa noite, reconstruíram o poema de Kenji, mas Benny nunca mais tocou nos ímanes ou construiu outro poema com eles e, por uns tempos, a esfarrapada constelação de palavras permaneceu paralisada.

A minha mulher abundante mãe deusa amante
somos sinfonia juntos
Sou louco por ti

2

Nesse primeiro verão após a morte de Kenji, Benny dormiu muito e esteve mais desanimado do que o habitual, mas nunca pareceu querer ou precisar de falar sobre os seus sentimentos, apesar dos encorajamentos da mãe para que o fizesse. Por vezes, quase a adormecer, parecia-lhe ouvir a voz do pai a chamá-lo, a despertá-lo bruscamente, mas, como nada mais aconteceu, nunca o referiu.

No outono seguinte, o seu diretor de turma do sétimo ano reportou alguns problemas de concentração e atenção, mas a conselheira da escola deu-lhe muito apoio. Marcou sessões regulares com ele e disse que lhe parecia que as dificuldades que ele atravessava eram comuns no processo de luto. A dor, disse, era pessoal e

expressava-se de muitas formas. Isso pareceu correto a Annabelle, que ficou aliviada quando a conselheira disse que não precisavam de começar a pensar em medicação, a não ser que piorasse.

Benny nunca fora o miúdo mais popular da escola, mas sempre tivera amigos — miúdos peculiares, furtivos, com olhos vazios e fugidios, cabelos por lavar, e mães em quem Annabelle não confiava inteiramente. Kenji ia buscá-los depois das aulas e trazia-os para casa, dava-lhes lanche, e mandava-os brincar no pátio, onde ela os via quando voltava do trabalho.

Porque Benny era mestiço, ela preocupava-se com o *bullying*.

— É a tua mãe de verdade? — ouvia-os perguntar, e tinha de conter-se para não gritar «Claro que sou a sua mãe de verdade!», mas Benny, despreocupado, respondia simplesmente que sim. Os jogos que faziam preocupavam-na ainda mais. Jogos como «Okay, eu sou o *cowboy* e tu o índio, e tu podes tentar tirar-me o escalpe, e então eu massacro-te.» Ou, um pouco mais velhos, «Eu sou as Forças de Reconhecimento da Marinha, e tu o terrorista islâmico ultranacionalista, e tu tentas explodir-me e eu oblitero-te.» Parecia-lhe que Benny era sempre o que era massacrado ou obliterado, mas, quando tentou discuti-lo com Kenji, ele só se riu.

— São rapazes — disse. — Vou assegurar-me de que ninguém acaba obliterado.

E ninguém acabou. Depois da morte de Kenji, os rapazes deixaram de vir a casa deles, e quando Annabelle perguntou a Benny sobre isso ele só encolheu os ombros.

— Eu também nunca gostei deles. São parvalhões.

Não parecia preocupado ou solitário, e Annabelle ficou aliviada. A não ser pela incerteza constante com o trabalho, estavam a safar-se enquanto família.

O trabalho era uma preocupação. Quando Annabelle conhecera Kenji, estava no início do primeiro ano de um mestrado em Biblioteconomia. Sonhara tornar-se bibliotecária desde pequenina, quando a Biblioteca Pública era o seu paraíso. Como filha única, os livros eram os seus melhores amigos. A mãe nunca fora

grande leitora e o padrasto era um bêbedo, mas as bibliotecárias tinham sido sempre gentis com ela. Tinha ficado felicíssima quando fora aceite no programa de Mestrado de Biblioteconomia, mas então engravidara de Benny. Com um bebé a caminho, sabia que seria difícil arranjarem-se com o dinheiro que Kenji fazia nas atuações, por isso deixou a escola e conseguiu um emprego numa filial regional de uma agência nacional de monitorização dos *media*, onde trabalhava desde então. Era leitora no departamento de imprensa. A sua função era ler rapidamente as pilhas de jornais locais e estatais que eram entregues no escritório todas as manhãs, e recortar artigos para enviar aos clientes, sobre tópicos relevantes para os seus interesses. Os clientes eram corporações, partidos políticos e grupos com interesses especiais, e as histórias eram sobretudo acerca de política local, assuntos ambientais e indústria biorregional — silvicultura, pesca, petróleo, carvão, gás, extração de recursos, controlo de armas, e eleições municiais e estatais. Os tipos do escritório que monitorizavam a televisão, rádio e *media online* não tinham uma conversa interessante. O que tornava o trabalho agradável eram as outras Senhoras das Tesouras.

Quando ela começara, era quatro na Imprensa. Eram tão fixes, com as suas *Fiskars* e X-atos, réguas de metal e tapetes OLFA, todas espadachins e um bocadinho intimidantes, mas tinham-na recebido calorosamente, e ela tinha encaixado num instante. Formavam uma equipa acolhedora, sentadas em redor da grande mesa, a recortar e a tagarelar e a partilhar histórias com interesse, mas, uma por uma, as senhoras tinham seguido em frente. As duas últimas a sair tinham sido uma mulher negra, mais velha, que se reformara, e uma mulher de meia-idade do Paquistão, que falava inglês na perfeição e estava a trabalhar na sua certificação ESL. Annabelle sentia-lhes a falta. Tinham sido boas para ela. Quando Kenji morrera, os jornais locais tinham publicado histórias humilhantes sobre o acidente, repletas de detalhes escabrosos sobre galinhas cacarejantes, penas a esvoaçar e drogas, mas Annabelle notara que as Senhoras da Tesoura eram rápidas a recortar estes artigos e a escondê-los dela, permitindo-lhe a dignidade do luto.

Este carinho tornou as coisas mais difíceis quando se foram embora, mas os tempos estavam a mudar, e o aumento das notícias *online* implicava que a Imprensa, enquanto divisão, lutava para sobreviver. Os bancos de velhos leitores de cassetes e gravadores VHS, utilizados para dobragem na rádio e televisão, há muito que tinham ido para o lixo e sido substituídos por computadores e equipamento digital. Os suportes onde dantes ficavam as máquinas estavam agora vazios, como esqueletos, a ganhar pó. Os colegas que restavam eram todos homens cujas competências podiam ser transferidas, os mesmos tipos que tinham no passado mirado distraidamente os seus seios para aliviar o tédio. Annabelle sempre fora bonita, de uma forma roliça, de outra era; podíamos imaginá-la sensualmente desalinhada, de avental e corpete, carregando baldes onde o leite chocalhava. Mas isso fora antes de Kenji morrer e de ela começar a engordar. Agora, os seus colegas sabiam que ela tinha os dias contados, e escondiam-se atrás das consolas para esconder a pena pela sua situação. Vestida com calças de fato de treino largas e uma *sweatshirt* enorme, de tesoura na mão, Annabelle sentava-se sozinha e régia à longa mesa de trabalho, rodeada de pilhas de jornais, só com os bancos vazios como companhia. Era a última das Senhoras das Tesouras, o fim de uma era.

Ninguém ficou surpreendido quando chegou um *e-mail* da sede da empresa a anunciar a reorganização da agência. Todos os escritórios regionais, incluindo o seu, seriam encerrados; mas felizmente, continuava o *e-mail*, não resultaria em mais cortes nos empregos. Em vez disso, a agência equiparia os funcionários com o *hardware* e a Internet de banda larga necessária para se ligarem de casa. Os colegas de Annabelle ficaram exultantes. Gostavam da ideia de banda larga de graça e de não terem de fazer a viagem para o trabalho. Gostavam da ideia de sair da cama e trabalhar de roupa interior, mas Annabelle não sabia o que pensar. Ninguém referira a Imprensa nas comunicações da sede, pelo que, sendo a última das Senhoras das Tesouras, assumiu o pior.

O medo instalou-se como se fosse o mau tempo. Relutante em ver confirmados os seus receios, ela esperou, evitando o supervisor e fingindo partilhar o entusiasmo dos colegas. Tentou manter-se positiva. Talvez a deixassem arrendar uma sala com uma mesa de trabalho num pequeno escritório algures. Seria agradável. Ou, se eliminassem a Imprensa, talvez pudesse pedir para ficar nos computadores, embora isso lhe parecesse improvável, uma vez que a agência era notoriamente sexista e, para além disso, ela era uma pessoa mais do analógico. Mas talvez ser despedida fosse exatamente do que precisava. Talvez o universo estivesse a mandar-lhe uma mensagem, abrindo caminho para um novo emprego, alguma coisa mais criativa e satisfatória.

Depois de quatro dias de contemplação ansiosa, recebeu uma mensagem do supervisor a informá-la de que os jornais que ela monitorizava seriam reencaminhados para a sua porta, e um computador, um *modem* e um *scanner* de alta velocidade seriam entregues em sua casa e instalados no dia seguinte.

Nessa tarde, Annabelle despediu-se dos colegas e foi para casa, avaliar a situação. A casa, metade de uma moradia geminada, era velha e pequena, com uma cozinha onde comiam, uma despensa e uma sala de estar em baixo, e dois quartos e uma casa de banho em cima. O único local onde instalar um escritório era a sala de estar. Kenji construíra prateleiras ao longo das paredes, onde guardava o seu equipamento áudio, instrumentos e discos de vinil. Todos os livros de Annabelle, materiais para trabalhos manuais e coleções ecléticas — de brinquedos de lata *vintage* e partes de bonecas de porcelana, frascos de remédios antigos e velhos postais de férias alheias — também se acumulavam nas estantes, e as cinzas de Kenji também lá tinham encontrado um lugar. Annabelle nunca chegara a criar um verdadeiro altar budista, por isso as cinzas estavam enfiadas na prateleira, ao lado de uma caixa de sapatos cheia de fotografias por organizar. Tencionava espalhar as cinzas algures e talvez fazer uma cerimónia com Benny no verão, mas não tinham chegado a fazê-lo, e os meses tinham passado, e quem

tinha tempo para cerimónias? Era uma mãe sozinha com um marido morto e um rapaz para sustentar. Levou a caixa de sapatos para cima, para o seu quarto, e enfiou-a numa prateleira alta ao fundo do roupeiro. Talvez, quando as coisas acalmassem, pudessem fazer alguma coisa especial, como fretar um barco e ir para o mar alto. Talvez até pudessem ir ao Japão um dia e espalhar por lá as cinzas.

Levou as suas coleções e livros lá para cima, para o quarto, dispondo os brinquedos no parapeito da janela e empilhando os livros contra as paredes, até poder comprar mais prateleiras. Os materiais de trabalhos manuais foram parar à casa de banho do primeiro andar — mais uma medida temporária até encontrar um lugar melhor. Limpando a transpiração da testa, voltou à sala e avaliou o que restava. Sabia que devia pensar em ver-se livre das coisas de Kenji, mas os instrumentos eram os seus objetos mais estimados, e Benny podia querê-los um dia. Alguns dos álbuns eram raros e provavelmente valiosos, mas, para os vender, teria de procurar um avaliador. Apercebeu-se de que a única solução era embalar tudo em caixas e levá-las para o roupeiro de Kenji.

Decidida, voltou lá para cima. Não olhara para dentro do roupeiro desde a noite em que escolhera o casaco para o funeral. Agora, preparando-se, abriu a porta. Perturbada pelo movimento do ar, as camisas de flanela arrumadas em fila abanaram os braços, num cumprimento suave, mas foi o cheiro que ela notou primeiro — o cheiro de Kenji, pungente e salgado como vento vindo do oceano. Apanhou-a desprevenida. Fechou os olhos e inclinou-se, deixando o cheiro envolvê-la, suave e morno contra a sua pele. Encheu os pulmões até não poder mais, e então soltou um único soluço longo e trémulo. De olhos ainda cerrados, mergulhou as mãos na fila de roupas penduradas e abraçou um molho de camisas, grosso como um torso. Arrastou-o do roupeiro e atirou-o para cima da cama, regressando para tirar os casacos, depois as *t-shirts*, depois as *sweatshirts*, uma e outra vez, até ter todo o conteúdo do roupeiro numa pilha na cama e o roupeiro estar vazio.

Corada do esforço, sentou-se na beira do colchão, tencionando descansar apenas por um momento, mas em vez disso deixou-se cair no monte de roupas, enterrando-se na suavidade argilosa do algodão usado do marido, os seus *jeans* desbotados, os seus *tweeds* puídos.

Um calor estranho permeava a trama do tecido, ainda vivo com Kenji, e por isso ela afundou-se mais, pressionando o rosto nos colarinhos e bolsos e mangas, descobrindo um sopro de fumo e *whiskey* — odores de clube noturno que persistiam e a lembraram da primeira vez que ele pousara as mãos sobre os seus ombros e a voltara, e se tinham beijado. Estremeceu com a memória. A sensação de lã áspera e flanela suave era tão boa contra a sua pele, e ela queria mais. Sentou-se e tirou a *sweatshirt*, mas, assim que se levantou para tirar as calças de fato de treino, teve um vislumbre do espelho pendurado atrás da porta. Por momentos ficou ali, fitando o seu reflexo, o seu corpo grande, pálido, com as dobras pesadas de carne derramando-se da roupa interior apertada, e depois desviou o olhar. O olhar pousou nos números vermelhos e duros do relógio digital ao lado da cama. Eram quase três horas, hora de acabarem as aulas. Benny detestava que o deixassem à espera. Devagar, voltou a vestir a *sweatshirt*, e então sentou-se outra vez na beira da cama desordenada e acariciou a manga de uma camisa de flanela verde, cujo punho viera parar ao seu joelho. Era a camisa favorita de Kenji, um *tartan* bonito, discreto e entrecruzado por linhas amarelas e azuis. Ela achou que daria uma colcha linda. As pessoas faziam isso, criavam colchas de memórias a partir das roupas dos entes queridos que partiam. Era uma ideia bela, na verdade, envolvermo-nos em memórias e dar às roupas velhas uma vida nova.

BENNY

Espera, não vais contar como se conheceram? Não te quero ensinar a fazer o teu trabalho nem nada, mas estás a passar por cima das coisas boas, as coisas felizes, e, se não as contares, então as pessoas que lerem não vão saber como tudo foi tão normal no princípio, ou quanto o meu pai e a minha mãe se amavam, a razão para ela ter ficado toda marada mais tarde. Eles vão só pensar: Oh, essa Annabelle, é só uma grande falhada, o que não é justo.

E, de qualquer modo, eu também não me importava de ouvir. Quando o meu pai era vivo, costumavam conversar sobre o seu grande romance, mas só me contaram uma parte, por exemplo, como o meu pai se apaixonou pela minha mãe no momento em que a viu, e ela era tão bonita, e ele tão amável, e estavam destinados um para o outro, etc., mas eu percebia que deixavam coisas por contar. Por vezes, quando olhavam um para o outro, os seus olhos cintilavam com segredos que não queriam que o filho soubesse, e sorriam e desviavam o olhar, ou apertavam os lábios e mudavam de assunto. Eu não me importava. Gostava que tivessem segredos se isso os fazia felizes, mas, quando o meu pai morreu, a minha mãe ficou triste e os segredos já não cintilavam, e se é assim não vale a pena guardar segredos, não é? Claro que há coisas que um miúdo não precisa de saber sobre os pais, mais podias contar alguns.

Oh, mas espera. Acabou de ocorrer-me, talvez não conheças os seus segredos? Assumi mais ou menos que os livros sabem tudo,

mas talvez sejas um livro estúpido, ou um livro preguiçoso, do tipo que começa no meio porque não sabes como se inicia a história e não te interessas por perceber. É isso? És esse tipo de livro? Porque, se é isso, talvez devesses ir à procura da história de outro miúdo para contares, um miúdo simpático e normal com uma vida social intensa, que não possa ou não queira escutar. Há muitos miúdos assim, por isso, por favor fica à vontade. A escolha é tua. A questão é que eu não tenho escolha. Se fores o meu livro, tenho de prestar atenção. É isso ou ficar maluco outra vez, e a minha ocupação hoje em dia é não permitir que isso aconteça. Por isso, só estou a sugerir que faças o teu trabalho, e eu faço o meu. Começa de novo. Conta aos leitores como se conheceram. Começa no princípio.